



Foto: Marcelo Camargo / Agência Brasil

A desinformação como estratégia da extrema direita: a rearticulação dos memes do fascismo

Resumo

Este texto propõe uma reflexão sobre o problema da desinformação contemporânea a partir de uma perspectiva semiótica e sistêmica. Através do conceito de meme – como replicador de caráter estrutural da cultura – e da semiosfera – como espaço em que essas estruturas metabolizam-se, sofrem mutações e proliferam-se –, defende-se a hipótese de que o alto de teor de conectividade envolvendo redes e plataformas digitais configura aquilo que se entende como máquinas de sobrevivência e corporeidade dos memes, especificamente os portadores de ideários fascistas. Irracionalismo e negacionismo científico convertem-se, através desses processos, em propulsores do que se entende como caos informativo.

Ronaldo
Henn

Professor no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo, com pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa.

Palavras-chave: desinformação; semiosfera; memes; crise

A desinformação se transformou em um dos grandes problemas da contemporaneidade. Um problema de excepcional envergadura porque, junto com ele, atitudes mentais perniciosas, como o irracionalismo desmedido, o negacionismo científico e outras mazelas intelectuais, tomam conta da sociedade. Os processos em redes e plataformas digitais que, se, por um lado, criaram ambientes comunicacionais que viabilizam coisas aparentemente muito boas e instigantes para a humanidade, por outro, também potencializaram fluxos de produção e propagação da mentira.



Fake news, teorias da conspiração, *deep fakes* e discursos de ódio ganham terreno fértil de disseminação nos grupos de WhatsApp, Telegram, canais do YouTube, Twitter, Facebook, Instagram, TikTok, Kwai e outras plataformas. Sem falar na Deep Web ou Dark Web, onde ações criminosas dessa natureza, que dificilmente são detectadas, ganham suas fisionomias mais perversas. E é do conjunto desses movimentos digitais, que tem a desinformação como motor, que vemos emergir em várias partes do mundo, sobretudo entre nós, no Brasil, uma extrema direita, com suas novas modalidades de fascismo, que nos assombra.

Cabe lembrar que a consolidação e a popularização da internet, ao longo dos anos 1990, estavam acompanhadas de uma perspectiva utópica, muito inspirada no conceito de rede de informação distribuída, não centralizada e não atomizada. Essa ideia, configurada ainda no início da década de 1960, pelo engenheiro Paul Baran (1964), em estudo encomendado pela RAND Corporation, nutriu pensamentos como o da inteligência coletiva, de Pierre Levy (1997), e dos sonhos de que teríamos, finalmente, processos comunicativos totalmente horizontais, colaborativos e de transformação da espécie humana para melhor.

Durante os anos 2000, com a banda larga, dispositivos móveis, conexões 3G e 4G e os sites de redes sociais, processos sociais e políticos ganharam novas dinâmicas e texturas. Movimentos como *Occupy All Street*, Primavera Árabe, Indignados na Espanha e os próprios protestos de junho de 2013 no Brasil, todos tramados nas conexões em rede, lançaram a possibilidade de ondas emancipatórias e libertárias. Manuel Castells (2012) chegou a designar a internet como uma rede de indignação e esperança.

O jornalismo, nesse processo, passou por transformações significativas, sobretudo por conta de outros atores sociais, fora do seu ambiente tradicional, intervirem, de modos diferentes, nas narrativas jornalísticas, as quais se hibridizam. Houve, também na perspectiva do jornalismo, alguma euforia de transformações alvissareiras (HENN, 2013), que se colocava na interface de crises diagnosticadas tanto no plano estrutural, como modelo de negócios (BRUNS, 2014), quanto na sua dimensão semiótica, que abarca algumas questões: o acontecimento como construção e representação, cujo núcleo tradicional aparentemente implode-se; a narrativa como um eixo que se tenciona nessas outras articulações; e a perspectiva da linguagem, compreendida aqui em sentido amplo, como um lugar de investigação e de projeção de outras possibilidades.

Isso motivou uma sequência de pesquisas¹ que, já nas primeiras análises, constataram que havia bolsões de articulação, através dos quais ideários que se entendem como muito retrógrados ganhavam materialidade vigorosa. Constituição e disputas de territórios de sentidos, incrementados com a performance de algoritmos, passam a compor a cena social contemporânea via rede, afetando dinâmicas jornalísticas, em particular, e sociais, de maneira geral. Memes do fascismo (HENN, 2019), tramados em uma ascensão da extrema direita, nessa percepção, encorajavam-se e rearticulavam-se. Da euforia à depressão, um pensamento distópico retoma a cena, em processos políticos inéditos. A eleição de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016, a de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018, e outras ascensões reacionárias no mundo, nesse período, de certa forma constituíram-se fora do jornalismo, mesmo que a presença do jornalismo, ou pelo silêncio, ou pela postura adesista a determinados projetos político-econômicos, tenha que ser problematizada (OLIVEIRA, OSÓRIO e HENN, 2019).

A desinformação, que ganha envergadura inédita e potencialmente convulsiva no ambiente digital, transforma-se em estratégia poderosa para ascensão de um populismo de extrema direita, que se vale do acionamento do pânico moral (COHEN, 1999, 2011) para consolidar seu ideário negacionista. As materialidades específicas do ambiente digital e a hiperconectividade dos sistemas contemporâneos adensaram o problema, a ponto de ser apontado como desencadeador de uma desordem informativa (WARDLE, DERA KHSHAN, 2017). Aplicativos de mensagens, como o WhatsApp e o Telegram, tornaram-se terreno fértil para a intensificação daquilo que se passou a perceber como polarizações agudas. Por outro lado, mecanismos de IA em grande medida acessíveis, máquinas de aprendizado e interface amigáveis incrementaram a produção das chamadas *deep fakes*, de consequências ainda não dimensionadas.

Clarie Wardle e Housse Derakhshans (2017), em relatório do Conselho da Europa, alertaram que a divulgação de conteúdos pela internet com textos considerados mentirosos, que recebem a designação genérica de fake news, é apenas o começo de uma fase sinistra que ameaça os processos em rede. Danielle Citron e Robert Chesney (2018) discutem como a manipulação torna o fenômeno ainda mais pernicioso. Ronaldo Lemos, Virgílio Almeida e Danílo Domeda (2018), em artigo no suplemento Ilustríssima, da *Folha de S. Paulo*, alertam que essa não é uma ameaça somente para os indivíduos, mas também para os próprios pilares do que se pode pensar como uma sociedade democrática. O uso pernicioso de avanços tecnológicos, capazes de produ-

zir *deep fakes* com grande eficácia e oferecer (como espelhos) exatamente aquilo que, emocionalmente, as pessoas estão inclinadas a receber, associados à desinformação crônica e crenças empedernidas, tornam potencialmente mais difícil qualquer estratégia em que prevaleçam a racionalidade, a ciência, o bom senso e o conhecimento, de modo geral (LANDON-MURRAY, MUJKIC, NUSSBAUM, 2019; RANKS, WALDMAN, 2019; POLYAKOVA, 2018; WARZEL, 2018; BAKIR & MCSTAY, 2017).

A pandemia de Covid-19 agudizou esse fenômeno, que já se configurava no âmbito das redes e plataformas digitais desde, pelo menos, 2016 (MASSARANI, MURPHY e LAMBERTS, 2020). É nesse contexto que o termo infodemia começa a circular no relato de pesquisas recentes, havendo um consenso de que se trata de algo mais danoso do que a própria pandemia (GUARINO, *et al*, 2021; ALEIXANDRE-BENAVENT, CASTELLÓ-COGOLLOS e VALDERRAMA-ZURIÁN, 2020; ANDRÁS, 2020; GARCÍA-MARÍN, 2020; OKAN, *et al*, 2020; PATEL, KUTE e AGARWAL, 2020; PATEL e NATH, 2020; SANDU, 2020).

Semiosfera

De uma perspectiva semiótica, pode-se dizer que a desinformação intensifica uma crise sistêmica que convulsiona o espaço, através do qual as linguagens materializam os sentidos, que nele se processam. O semioticista russo Iuri Lotman (1996) descreveu este ambiente como a semiosfera, o espaço em que se metabolizam todas e quaisquer semioses. Designada como noosfera pelo filósofo jesuíta Tarles de Char-dan (1999) e pelo pensador Edgar Morin (1975, 1986), a semiosfera, no sentido materialista conferido por Lotman, formaria uma camada semiótica na terra, com processos próximos ao que aconteceria na biosfera, no plano da vida. Já Richard Dawkins (1989) propôs o conceito de meme, na perspectiva de estender para o território da cultura aquilo que ele entendia como fundamental na estruturação da própria vida: a performance do gene nos processos de evolução. Esse conceito aparece no livro de divulgação científica *O Gene Egoísta*, lançado na década de 1970, e tornou-se recorrente na cultura contemporânea para a designação das mensagens inscritas em linguagens diversas e que são intensamente replicadas pela internet. Mas o meme, da forma como Dawkins (2010) propôs, não está restrito a essa replicação exacerbada, via rede, por mais que os ambientes que as redes digitais suscitam, redimensionam essa capacidade de maneira espetacular.

O ponto central da tese de Dawkins resume-se na seguinte assertiva: a unidade fundamental da seleção não é a espécie, nem o grupo,

nem o “indivíduo”, mas sim o gene. Em algum momento da evolução, surgiu uma molécula notável: o replicador cuja principal dinâmica é a capacidade de criar cópias de si mesma. Uma replicação que não é perfeita, aspecto que gerou uma sopa primordial enchendo-se, não de uma população de réplicas idênticas, mas sim de diversidade de moléculas. O autor aponta para uma dinâmica fundamental na migração dessa proposta para a do meme: os replicadores começam não apenas a existir, mas também a construir invólucros de si mesmos. São as máquinas de sobrevivência. O corpo é a maneira de os genes se preservarem inalterados. Os genes são responsáveis pela própria sobrevivência no futuro, que depende da eficiência dos corpos que ajudam a construir. A transmissão genética, descrita por Dawkins, sugere um ambiente de disputas e estratégias e é por conta dessas dinâmicas estruturais e evolutivas que ele reitera a designação “egoísta” para, em frase de efeito, considerar o gene “a unidade básica do egoísmo”. A transmissão cultural seria análoga à transmissão genética, no sentido de que, nas palavras de Dawkins (2010: 325), “apesar de ser essencialmente conservadora, pode dar origem a uma forma de evolução”.

Já Iuri Lotman (1999), ao desenhar a semiosfera, lança uma perspectiva um tanto distinta. Os sistemas culturais não são essencialmente conservadores: o que caracteriza a cultura é justamente a constante tensão entre a conservação e a mudança. Conservação total gera redundância estagnante, o que impede suas próprias replicações estruturais. Transformação total evolui para entropia máxima: o caos informativo.

Nas palavras de Dawkins (2010), a linguagem parece evoluir por meios não genéticos, a uma velocidade que é, por várias ordens, de grandeza superior à velocidade genética. Toda a vida evolui pela sobrevivência diferencial das entidades replicadoras. O gene, a molécula do DNA, é, por acaso, a entidade replicadora mais comum do nosso planeta. Um novo replicador surgiu e o novo caldo é o caldo da cultura humana. A essa unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação, ele vai chamar de meme.

Ao lançar esse conceito, Dawkins não chegou a pensá-lo naquilo que é essencial para a longevidade do gene: suas máquinas de sobrevivência. Há um momento do seu livro em que o autor esboça um princípio de equívoco. Diz ele: “Alguns memes, assim como ocorre com alguns genes, atingem sucesso brilhante num prazo muito curto, espalhando-se rapidamente, mas não têm duração no pool dos memes”. E conclui: “As canções populares e os saltos tipo agulha são exemplos disso” (DAWKINS, 2010: p. 329). O gene, assim como o meme, consti-

tui-se no nível da estruturalidade (entendida aqui sistemicamente). A melodia que se reproduz não seria o meme, mas sua máquina de sobrevivência, através da qual ele se reproduz. Isso implica em que reduzir o meme apenas a fenômenos de alta replicação seria um erro, na medida em que ele é algo que dispara a estrutura de todos os processos culturais.

Susan Blackmore (1999, 2000) é quem dará mais densidade a essa ideia concebida por Dawkins, aspecto reconhecido pelo próprio autor na introdução do livro *Meme Machine*. Nele, Blackmore (2000) associa os processos de imitação como o motor do que leva a espécie humana a inventar coisas ao longo de sua história, da agricultura à linguagem, do design às artes. E é exatamente na materialidade ou dos nossos corpos, ou dessas invenções, que os memes replicam-se, constituindo cultura. Na sua perspectiva, as informações copiadas nos diversos produtos que criamos é o que produziu a incrível complexidade que nos constitui. Isso ainda está no nível do que ela chama de segundo replicador. Mais tarde, Blackmore (2012) propôs a existência de um terceiro replicador: os temas (ou memes tecnológicos), cuja autonomia não se vincula mais à mente humana, nem aos produtos, mas às máquinas que os processam – mais precisamente aos algoritmos que passam a agir contemporaneamente com perturbadora autonomia.

Essas questões não eram novidades para Lotman e seus companheiros da Escola de Tartu, que ficou também conhecida como Semiótica da Cultura. Iuri Lotman, junto com Unspenskii (1981), afirmava que a cultura é um gerador de estruturalidade: cria à volta do homem uma sociosfera que, da mesma maneira que a biosfera, torna possível a vida. Pode-se dizer que aquilo que gera a estruturalidade, reivindicada pelos autores dessa escola, é o meme. Edgar Morin (1996) também possui formulação próxima: cultura e sociedade estão em relação geradora mútua, interação essa em que não se pode esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores da cultura, que regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura. Ressaltando-se, porém, que a dinamicidade do meme, na acepção de autores como Blackmore (2000), no que pesem distinções entre especificidades de transmissão focadas em processos como impressão, condicionamento, observação, imitação ou ensino direto, está concentrada nas potencialidades da imitação.

Uma das marcas da semiosfera é a sua heterogeneidade (LOTMAN, 1990). Isso porque as linguagens que preenchem o espaço semiótico são várias e se relacionam entre si ao longo de um espectro, que vai da tradução mútua completa até a intraduzibilidade mútua igualmente

completa. Nessa perspectiva, a heterogeneidade é definida tanto pela diversidade de elementos quanto por suas diferentes funções. Para Lotman (1990: p. 123), se fizéssemos a experiência mental de imaginar um modelo de um espaço semiótico em que todas as linguagens surgissem ao mesmo tempo e sob a influência dos mesmos impulsos, ainda não teríamos uma única estrutura de codificação, mas um conjunto de sistemas conectados, mas diferentes.

Defende-se, aqui, que os memes, como replicadores, estão no nível da estruturalidade dos sistemas culturais e são agentes destas dinâmicas. Ao falar especificamente dos movimentos semiosféricos desencadeados pela Literatura, Lotman (1990) alerta que o ponto de vista evolucionário padrão na história literária vem da influência das ideias evolucionistas nas ciências naturais. E que tudo o que está contido na memória real da cultura é direta ou indiretamente parte da sincronia dessa cultura: são resultantes de regularidades (que estruturam a replicabilidade dos memes) e acomodam-se em processos com algum grau de previsibilidade. Lotman (1990) entendia que o desenvolvimento da cultura é cíclico e, como a maioria dos processos dinâmicos na natureza, está sujeito a flutuações sinusoidais. Mas no que ele designava como a autoconsciência de uma cultura, os períodos de menor atividade são geralmente registrados como intervalos. Nesse sentido, os memes garantem a estruturação, transmissão e permanência das linguagens que irão compor a semiosfera. São processos, entretanto, que, por conta de operações fronteiriças e potencialmente explosivas, estão à mercê de imprevisibilidades.

Postula-se, então, ao alargamento da noção de território e territorialidades para se pensar processos que se dão no âmbito da semiosfera aqui desenhada. Lotman (1999) destacava que um dos fundamentos da semiosfera é a sua heterogeneidade, permeada por fronteiras. Segundo ele, sobre o eixo do tempo, coexistem subsistemas cujos movimentos cíclicos apresentam diferentes velocidades. Muitos sistemas se chocam uns com os outros e mudam de golpe seu aspecto e sua órbita. O espaço semiótico está repleto de fragmentos de variadas estruturas que conservam em si a memória do sistema e podem, de improviso, reconstituírem-se com impetuosidade. “Os sistemas semióticos dão prova, chocando-se na semiosfera, de tal capacidade de sobrevivência e transformação, e de transformarem-se em outros, como Proteo, permanecendo eles mesmos, que convém falar com muita prudência do desaparecimento total de qualquer coisa neste espaço”, adverte Lotman (1999: 159-160).

Os memes, nesses movimentos dinâmicos da cultura, diversificam-se e promovem disputas intensas na semiosfera, o ambiente criado

pelos textos culturais, estruturados como sistemas de signos. Entende-se, a partir dessa articulação, que a semiosfera é configurada a partir de fronteiras, nas quais as máquinas de sobrevivência dos memes operacionalizam estratégias de ação e permanência. E essas fronteiras possuem um potencial explosivo, no sentido dado por Lotman (1999). O autor propõe que o sentido da continuidade (estruturada nos memes, conforme defende-se aqui) é uma previsibilidade implícita e seu contrário é a imprevisibilidade, as trocas realizadas na modalidade da explosão. São processos que possuem uma relação de reciprocidade. Postula-se que, em um mundo em rede, altamente convergente/divergente, transmidiático e instantâneo, esses processos apontam para uma crise sistêmica de características singulares nesse jogo fronteiro entre permanência e imprevisibilidade. E é nesse ambiente que os memes que veiculam os ideários da extrema direita encontram suas máquinas de sobrevivência, rearticulam-se e avançam fronteira adentro produzindo, via desinformação, o caos informativo.

Ciberacontecimentos

No conjunto dos complexos midiáticos, o sistema formado pelo jornalismo está entre os que estão à frente de uma crise, crise entendida nessa perspectiva sistêmica. Configurando-se, historicamente, como mediador qualificado entre a sociedade e os acontecimentos que emergem da realidade (TRAQUINA, 2004), o jornalismo internalizou uma série de códigos e procedimentos organizacionais para poder dar conta desse ambiente que tende ao caos (HENN, 2002). Os acontecimentos são singularidades que produzem rupturas, descontinuidades, trazem incertezas (QUÉRÉ, 2005; MORIN, 1986). O jornalismo dá forma discursiva ou semiótica aos acontecimentos, criando hierarquias, enquadramentos, como que tomando posse deles, domesticando-os (SÁBADA, 2007).

Antes da eclosão do jornalismo em redes digitais (HEINRICH, 2011; RUSSELL, 2011), o processo organizacional do jornalismo era linear e rigoroso: uma cadeia que se iniciava na pauta, na apuração dos acontecimentos, na construção das narrativas sobre, na edição e culminava com as notícias publicadas no formato impresso, ou veiculadas pelo rádio ou pela televisão. Os sistemas de radiodifusão trouxeram a possibilidade de narrativas do acontecimento ao vivo, em tempo real, mas tais possibilidades ficavam restritas a acontecimentos muito impactantes, e, mesmo assim, com baixo teor de interatividade por conta do modelo de transmissão *broadcasting*, de um para muitos (HENN e OLIVEIRA, 2015). O retorno do público limitava-se às cartas endereça-

das aos jornais, aos telefonemas e aos processos de construção de opinião pública nas conversações contemporâneas.

A partir das conexões em rede e da migração do jornalismo para o ambiente digital, essa lógica começou a transformar-se a passos largos: os recursos de interatividade que os portais de notícias começaram a oferecer, e o surgimento de novos formatos por conta das facilidades disponibilizadas por ferramentas e interfaces cada vez mais amigáveis geraram demandas novas. Os públicos começaram a se tornar mais presentes, mais visíveis.

Com a proliferação dos sites de redes sociais, sobretudo o Twitter e o Facebook, essa presença dos públicos tornou-se mais radical: tudo o que é veiculado pelos portais, rádio ou televisão é imediatamente repercutido e, dependendo da envergadura do acontecimento em pauta, intensamente repercutido (ZAGO, 2011). A consolidação dos sites de redes sociais e dos smartphones, associadas às tecnologias 3G e 4G intensificam as dinâmicas de conectividade e aprofundam as transformações em curso. Os ambientes de convergência, os quais impulsionaram alterações profundas no plano da cultura (JENKINS, 2006), desdobram-se em processos de espalhamento midiático. Migra-se, de vez, de processos distributivos, concentrados no topo das organizações de mídia, para processos de circulação, de características híbridas e não lineares (JENKINS, FORD e GREEN, 2013). O conteúdo literalmente espalha-se em uma série de transações entre agentes de diferentes quilates. Configura-se, nessa cena tecnológica e cultural, o jornalismo em rede (HEIRICH, 2011; RUSSELL, 2011), em que as narrativas convertem-se em nós conectivos agenciados por plataformas e atores distintos.

Esse conjunto de condições sistêmicas iniciais (HENN e OLIVEIRA, 2015) faz eclodir o que se designa aqui como ciberacontecimentos (HENN, 2014). Trata-se de acontecimentos que, na condição de expressões contemporâneas da cultura digital, constituem-se em redes digitais e geram narrativas de natureza convergente e transmidiática: sua potência vincula-se ao nível de afetação que propulsiona, intensificada pela experiência desse acontecer em rede.

Os ciberacontecimentos, nos modos como se compreende aqui, possuem, pelo menos, três dimensões a considerar: os processos transnarrativos e hipermidiáticos, os quais incluem a presença de outros atores fora dos núcleos do jornalismo tradicional; a reverberação instantânea, que passa a ser incorporada na própria narrativa, também a constituindo; e a eclosão desses outros modos de acontecimento que se tramam no cenário de conexões sistêmicas altamente com-

plexas (HENN, 2013). Essas dinâmicas potencializam uma crise no jornalismo contemporâneo, de natureza sistêmica, que afeta parâmetros como o da estruturalidade e identidade (HENN e OLIVEIRA, 2015).

Com toda essa movimentação semiótica, compreende-se que a semiosfera está em estado de explosão. Com o aumento exacerbado da conectividade no todo do sistema sociocultural, com os processos de *clustering*, *swarming* abundando, intensificam-se também os processos de *cloning*. Esse fenômeno produz um caldo cultural que potencializa a geração e proliferação de memes. Alguns, até há pouco acuada, ou adormecidos, retornam à cena, como os movimentos de ódio, xenofobias, lgbtfobias, entre outros. Isso aumenta a disputa de sentidos na semiosfera, uma espécie de “guerra dos signos”.

Desinformação

No dia 16 de março de 2018, o portal de notícias vinculado à *Folha de S. Paulo* replicava texto de coluna impressa de Mônica Bergamo, com o seguinte título: “Desembargadora diz que Marielle estava engajada com bandidos e é 'cadáver comum'”. O texto em si, um pouco mais esclarecedor, diz “A desembargadora Marília Castro Neves, do Rio de Janeiro, escreveu nesta sexta (16) no Facebook que a vereadora Marielle Franco (PSOL), assassinada nesta semana, 'estava engajada com bandidos'”. E segue: “Afirmou ainda que o 'comportamento' dela, 'ditado por seu engajamento político', foi determinante para a morte. E que há uma tentativa da esquerda de 'agregar valor a um cadáver tão comum quanto qualquer outro’”.

Ocorre que, como a própria coluna esclarece, o comentário da desembargadora é fruto de comentário a um post do Facebook, que decretava de forma, diga-se, inconsequente o seguinte: “A questão é que a tal Marielle não era apenas uma 'lutadora', ela estava engajada com bandidos! Foi eleita pelo Comando Vermelho e descumpriu 'compromissos' assumidos com seus apoiadores. Ela, mais do que qualquer outra pessoa 'longe da favela' sabe como são cobradas as dívidas pelos grupos entre os quais ela transacionava.”

No material impresso da *Folha*, as notas de Bergamo não contêm títulos. Quando migram para o portal, os editores atribuem títulos, que fazem importante enquadramento de largada: não há nele qualquer indicação de que se trata de um post inconsequente em site de rede social. Alguém, da alta hierarquia do sistema judiciário (uma desembargadora), desqualifica de forma contundente uma vítima de execução política. Ao estar em ambiente digital, a manchete entra na imensa teia de conectividades que, a depender da ação de atores

humanos e não humanos (no entendimento de LATOUR, 2005), podem se transformar em potente máquina de sobrevivência e rearticulação dos memes do fascismo: instalou-se uma fake news oriunda do próprio sistema jornalístico.

Incrementado pelo Ceticismo Político, site ligado ao grupo de extrema direita MBL (um dos movimentos que fez uma espécie de *hakeamento* das manifestações de junho de 2013, no Brasil, proliferando ideologia extremamente retrógrada), produziu uma das fake news mais compartilhadas à época, conforme dados do Laboratório de Estudos sobre Imagem Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e do Monitor do Debate Político da Universidade de São Paulo (USP).

Destacou-se esse caso, entre tantos outros (neste cenário em que alta conectividade entre plataformas e redes, utilização de bots dos procedimentos mais simples – prints reconfigurados – aos mais sofisticados – manipulação de imagens e áudios, produzindo o que se entende por *deep fake*), porque esse tem origem no próprio sistema jornalístico. Se considerarmos o sistema midiático como um todo, isso que estamos considerando aqui como memes do fascismo já possui uma longa data de metabolização, no rádio e na televisão, com os programas policiais de discurso predominantemente justiceiro (WORMHOUDT, 2006; FRANÇA, 2018).

Pelas suas diversas características, que dependem das especificidades de cada plataforma, as mídias sociais transformaram-se em organismo fundamental na produção e proliferação da desinformação, na medida em que contribuem para a legitimação de conteúdos enganosos. Kim e Dennis (2019) salientam que, nas mídias sociais, qualquer pessoa pode criar notícias, reais ou falsas, e espalhá-las. Além disso, na maioria das plataformas, os usuários não escolhem ativamente a fonte de suas histórias e são submetidos a lógicas que não dominam.

Em estudo divulgado ainda no começo dessa década, Wojcieszak (2011) identificou que grupos extremistas online haviam crescido consideravelmente, o que coincide com a proliferação dos chamados “sites de ódio”. Para a pesquisadora, o problema principal é que a participação em grupos radicais e homogêneos exacerbaria o que ela chama de “efeito de falso consenso” e faz os participantes superestimarem o suporte público às suas crenças. Esse fenômeno transforma os participantes em atores mais ativos politicamente, o que, de forma pressuposta, fazem se sentir em grupo virtualmente maior do que suas dimensões factuais.

Por outro lado, o efeito de falso consenso pode ser mitigado pelo contato com pontos de vista antagônicos offline e na mídia tradicional, mesmo quando ela é percebida como enviesada. O tensionamento ocorre porque o efeito de falso consenso pode ter, pelo menos, duas consequências: 1) a de uma constante exposição a “opiniões consonantes”; 2) e da falta de informações que demonstrem como a opinião pública não reflete opiniões pessoais. Isso gera desestabilização social, pois a expressão de ideias extremistas pode fazer com que mais pessoas se filiem ao grupo ou que outros grupos sejam encorajados a se organizar, como já identificava Wojcieszak (2011). Com a maior profusão de vozes discordantes, quando o espectador possui a percepção de que toda informação consumida é enviesada e contrária à sua, o efeito pode ser contrário: tem potencial para reforçar as opiniões já adquiridas e projetá-las ao público geral.

Um dos grandes problemas que se detecta na proliferação e fixação da desinformação corresponde aos vínculos com os sistemas de crenças que possuem força de sobrepor a qualquer mecanismo de verificação (D'ANDREA, HENN, 2021). Moravec, Minas e Dennis (2019) desenvolveram experimento comportamental com dados de EEG (eletroencefalografia) de 83 usuários de mídia social para entender se eles conseguiriam detectar notícias falsas nas suas redes e se a presença de uma bandeira identificando a inveracidade afetava a cognição e o julgamento. Detectaram que as notícias falsas possuem maior predominância com a ação do que eles designam como de viés de confirmação: os usuários acreditam no que corresponde às suas opiniões anteriores, sem se deixar intimidar pela verdade real de um artigo ou por uma bandeira falsa de notícias.

Considerações finais

Em *A Fixação das Crenças*, C. S. Peirce (1987) diagnostica que é impossível, para qualquer pessoa da espécie humana, viver em estado permanente de dúvida. Ele utiliza, inclusive, a designação “irritação da dúvida”, produzindo analogia com o próprio sistema nervoso. Para aplacar esse estado, o qual ele entende como desconcertante, parte-se para um processo de fixação de determinadas crenças, que ele desenha em quatro possibilidades: o método da tenacidade, da autoridade, o de um determinado gosto por determinadas convicções (que poderíamos entender como algo próximo ao senso comum) e pelo método científico.

O método da tenacidade parece imperar nesses processos fundamentalistas em rede, contemporâneos. O fenômeno ecoa aquilo que

Edgar Morin (1989) entendia como sistemas de ideias fechados: toda a informação que afeta esse sistema é rechaçada como mentirosa ou criminosa. Defende-se, aqui, que a exacerbação das conexões, com a recorporificação dos memes do fascismo, afeta de forma visceral o sistema midiático como um todo e, em especial, o jornalístico. O jornalismo teria a função de garantir a estabilidade sistêmica com seus tradicionais processos de apuração, checagem, diversidade de fontes e de outros elementos. Porém, ou por interesses das corporações, ou pelos modos como esses processos conectivos articulam-se, transformou-se, ele próprio, em um dos epicentros da crise. Nesse processo de necrose, morre a diversidade, subjugada a uma narrativa hegemônica acachapante. A semiosfera e os sistemas culturais encontram-se à deriva na medida em que a extrema direita provoca o caos informativo.

Notas

1. Pesquisas desenvolvidas no LIC – Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento, PPGCCOM/Unisinos – CNPq.

Referências

- ALEIXANDRE-BENAVENT, R.; CASTELLÓ-COGOLLOS, L.; VALDERRAMA-ZURIÁN, J.-C. Información y comunicación durante los primeros meses de Covid-19. Infodemia, desinformación y papel de los profesionales de la información. **El Profesional de la Información**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 1–17, 2020. DOI 10.3145/epi.2020.jul.08. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=iih&AN=145425016&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- ALMEIDA, V; DONIDA, D; LEMOS, R. Com avanço tecnológico, fake news vão entrar em fase nova e preocupante. São Paulo: Folha de São Paulo. **Suplemento Ilustríssima**. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/04/com-avanco-tecnologico-fake-news-vao-entrar-em-fase-nova-e-preocupante.shtml>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- ANDRÁS, B. Könyvtárak a koronavírus-járvány idején – Pandémia és infodémia. **Library Review / Konyvtari Figyelo**, [s. l.], n. 3, p. 419–436, 2020. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=lih&AN=146592161&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- ATLAN, H. The Cellular Computer DNA: Program or Data. **Bulletin of Mathematical Biology**, Vol. 52, N. 3, 335-348. 1990.
- _____. **Entre o Cristal e a Fumaça**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1992.
- BAKIR, V., MCSTAY, A. Fake news and the economy of emotions. **Digital Journalism**, 6(2), 154–175. 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21670811.2017.1345645>. Acesso em: 4 abr. 2021.
- BARAN, P. **On distributed communications**. Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964. Disponível em https://www.rand.org/pubs/research_memoranda/RM3420.html. Acesso em: 30 jul. 2019.
- BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Nova York: Oxford University Press, 2000.
- _____, S. The memes' view. In AUNGER, R. (ed.), **Darwinizing Culture. The status of memetics as a Science**. New York: Oxford Press, 1999.
- _____. **Tremes – the third replicator**. 2012. Disponível em https://www.ted.com/talks/susan_blackmore_on_memes_and_temes. Acesso em: 30 jul. 2019.
- BRUNS, A., gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research** - Volume 11 - Número 2 – 2014.
- CASTELLS, M. **Networks of outrage and hope. Social Moviment in te internet age**. Cambridge: Polity Press, 2012.
- CEVOLINI, A. What Is New in Fake News? The Disinhibition of Dissent in a Hyperconnected Society. **Sociologia e Politiche Sociali**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 75–92, 2018. DOI 10.3280/SP2019-003005. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=136063166&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 18 abr. 2020.

CHARDIN, T. **O Fenômeno Humano**. São Paulo: Cultrix, 1999.

CHESNEY, R; CITRON, KEATS, D. Deep fakes: a looming challenge for privacy, democracy, and national security. 14 jul. 2018. **U of Texas Law, Public Law Research Paper No. 692**; U of Maryland Legal Studies Research Paper No. 2018-21. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3213954>. Acesso em: 2 fev. 2019.

COHEN, S. Moral panics and folk concepts. **Paedagog. Hist.** 35 (3), 585–591. 1999.

____. **Folk Devils and Moral Panics**. London: Routledge, 2011.

D'ANDREA, C., HENN, R., Desinformação, plataformas, pandemia: um panorama e novos desafios de pesquisa. **Fronteiras: Estudos Midiáticos**. 23(2):2-13 maio/agosto 2021 Unisinos – doi: 10.4013/fem.2021.232.01.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FRANÇA, V. R. et al. Testimonies in the media: the report of suffering/Testemunhos na mídia: o relato do sofrimento. **Comunicacao, Midia e Consumo**, vol. 15, no. 44, 2018, p. 119+. Gale Academic Onefile, <http://link-galegroup.ez101.periodicos.capes.gov.br/apps/doc/A570559440/AONE?u=capes&sid=AONE&xid=21c66b64>. Acesso em: 28 jul. 2019.

GARCÍA-MARÍN, D. Infodemia global. Desórdenes informativos, narrativas fake y fact-checking en la crisis de la Covid-19. **El Profesional de la Información**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 1–20, 2020. DOI 10.3145/epi.2020.jul.11. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=iih&AN=145425018&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 11 nov. 2020.

GUARINO, S., et. al. A. Information disorders during the COVID-19 infodemic: The case of Italian Facebook. **Online Social Networks and Media**, 2021. Disponível em: www.elsevier.com/locate/osnem. Acesso em: 21 nov. 2021.

HEINRICH, A. **Networked Journalism**. Londres: Routledge, 2011.

HENN, R. **Os fluxos da notícia**. São Leopoldo, Ed. Unisinos. 2002.

____. O ciberacontecimento. In: VOGEL, D., MEDITSCH, E. e SILVA, G., **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis: Insular, 2013 p. 21-34.

____. **El ciberacontecimiento : producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

____. Jornalismo em rede, conectividades e as reconstituições dos memes do fascismo. **17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. SBPJor. Universidade Federal de Goiânia: 2019.

HENN, R. C.; OLIVEIRA, F. M. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista Famecos**. V. .22, p.1 - 19, 2015.

JENKINS, H. **Convergence Culture**. New York: New York University, 2006.

JENKINS, H.; FORD, S. e GREEN, J., **Spreadable Media, Creatin, Value and Meaning in a Networked Culture**. Nova York: New York University Press, 2013.

LANDON-MURRAY, M.; MUJIC, E.; NUSSBAUM, B. Disinformation in Contemporary U.S. Foreign Policy: Impacts and Ethics in an Era of Fake News, Social Media, and Artificial Intelligence. **Public Integrity**, [s. l.], v. 21, n. 5, p. 512–522, 2019. DOI 10.1080/10999922.2019.1613832. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=138322708&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 18 abr. 2020.

LATOUR, B. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory**. New York: Oxford Press University, 2005.

LEMO, R., ALMEIDA, V. e DOMEDA, D., Com avanço tecnológico, fake news vão entrar em fase nova e preocupante. Folha de São Paulo, 08 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/04/com-avanco-tecnologico-fake-news-vao-entrar-em-fase-nova-e-preocupante.shtml>. Acesso em: 19 mar. 2023.

LÉVI, P., **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edição Loyola, 1997.

LOTMAN, Y. **La Semiosfera**. Madri: Cátedra, 1986.

____. **Universe of the mind: a semiotic theory of culture**. London: Tauris, 1990.

____. **Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

LOTMAN, Y., USPENSKII, B., et. al. , **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1981.

LOZANO, J. Prólogo. In LOTMAN (1999), **Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999. P.p: 1-8.

LUHMANN, N. **Social Systems**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1995.

MAINZER, K. **Thinking in Complexity**. New York: Springer-Verlag. 1994.

MASSARANI, L.; MURPHY, P.; LAMBERTS, R. COVID-19 and science communication: a JCOM special issue. **Journal of Science Communication**, v. 19, n. 5, p. E, 30 set. 2020.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. (1964) São Paulo: Cultrix, 2002.

MILLS, A. J.; PITT, C.; FERGUSON, S. L. The Relationship between Fake News And Advertising: Brand Management in the Era Of Programmatic Advertising and Prolific Falsehood. **Journal of Advertising Research**, [s. l.], v. 59, n. 1, p.

3–8, 2019. DOI 10.2501/JAR-2019-007. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=bth&AN=135103654&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 18 abr. 2020.

MORAVEC, P. L.; MINAS, R. K.; DENNIS, A. R. Fake News on Social Media: People Believe What They Want to Believe When It Makes No Sense at All. **MIS Quarterly**, [s. l.], v. 43, n. 4, p. 1343–1360, 2019. DOI 10.25300/MISQ/2019/15505. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=bth&AN=141906421&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 18 abr. 2020.

MORIN, Edgar, **O paradigma perdido**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1975.

____. **O Método I, A Natureza da Natureza**. Mira-Sintra: Europa-América, 1986.

____. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OKAN, O. et al. Coronavirus-Related Health Literacy: A Cross-Sectional Study in Adults during the COVID-19 Infodemic in Germany. **International journal of environmental research and public health**, [s. l.], v. 17, n. 15, 2020. DOI 10.3390/ijerph17155503. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mdc&AN=32751484&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PATEL, M. P.; KUTE, V. B.; AGARWAL, S. K. “Infodemic” of COVID 19: More Pandemic than the Virus. **Indian Journal of Nephrology**, [s. l.], v. 30, n. 3, p. 188–191, 2020. DOI 10.4103/ijn.IJN_216_20. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=143763764&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PATEL, S. D.; NATH, P. Infodemic within a Pandemic - The Case of COVID-19 and Urban India. **International Journal of Medicine & Public Health**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 114–118, 2020. DOI 10.5530/ijmedph.2020.3.24. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=145619582&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PEIRCE, C. S., A fixação das crenças. **Popular Science Monthly**. Versão Lisboa: Lusosofia Press, 1987. Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf. Acesso em: 28 jul. 2019.

____. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.

POLYAKOVA, A. **The next Russian attack will be far worse than bots and trolls**. **Brookings Institution**. 2018. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2018/03/22/the-next-russian-attack-will-be-far-worse-than-bots-and-trolls/>. Acesso em: 4 abr. 2021.

PRIGOGINE, I., Order through Fluctuation: Self-Organization in a Social System. In, **Evolution and Consciousness: Human Systems in Transition**. Jantsch, E. and Waddington, C. H. (eds.), p. 93-126. Massachusetts. Addison-Wesley Publ. Company, 1976.

____. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: Unesp, 1996.

PRIGOGINE, I. e STENGERS, **Order out of Chaos**. London: Heinemann, 1984.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, nº 6, 2005, p. 59-76.

RANKS, M. A.; WALDMAN, A. E. Sex, Lies, and Videotape: Deep Fakes and Free Speech Delusions. **Maryland Law Review**, [s. l.], v. 78, n. 4, p. 892–898, 2019. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=138261645&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 4 jun. 2020.

RUSSELL, A., **Networked, a Contemporary History of News in Transition**. Cambridge: Polity Press, 2011.

SÁBADA, T. **Framing: el encuadre de las noticias**. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

SANDU, A. From Pandemic to Infodemic. **BRAIN: Broad Research in Artificial Intelligence & Neuroscience**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 277–289, 2020. DOI 10.18662/brain/11.2/88. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=144538683&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 11 nov. 2020.

TANDOC, Jr., E. C., Lim, Z. W., Ling, R. Defining 'Fake News': A Typology of Scholarly Definitions, **Digital Journalism**, 5 (7): 1-17, 2018.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2004.

VIEIRA, J. A. Organização e Sistemas. **Informática na Educação: Teoria e Prática**. Tgie-UFRGS, V. 3, Setembro, 2000 p. 11-24.

____. Complexidade e Conhecimento Científico, **Oecologia Brasiliensis**, Vol. 10, n. 1. Rio de Janeiro: PPGE/UFRJ, 2006, p. 10-16.

WARDLE, C. Information Disorder: The Essential Glossary. **Harvard, MA: Shorenstein Center on Media, Politics, and Public Policy**, Harvard Kennedy School. 2018. Disponível em: <https://journalistsresource.org/studies/society/internet/information-disorder-glossary-fake-news/>. Acesso em 8 ago. 2020.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2017/11/PREMS-162317-GBR-2018-Report-de%CC%81sinformation-1.pdf?x69924>. Acesso em: 16 fev. 2019.

WARZEL, C. He predicted the 2016 fake news crisis. Now he's worried about an information apocalypse. **Weaponized**

Narrative Initiative. 2018. Disponível em: <https://weaponizednarrative.asu.edu/library/he-predicted-2016-fake-news-crisis-now-hes-worried-about-information-apocalypse>. Acesso em: 4 abr. 2021.

WOJCIESZAK, M. Computer-Mediated False Consensus: Radical Online Groups, Social Networks and News Media. **Mass Communication & Society**, [s. l.], v. 14, n. 4, p. 527–546, 2011. DOI 10.1080/15205436.2010.513795. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=62667865&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 8 ago. 2020.

WORMHOUDT, A. P. Urban violence: agressor's and victim's stereotype. **Psicol inf.**, São Paulo , v. 10, n. 10, p. 9-29, 2006 . Available from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092006000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 jul. 2019.

ZAGO, G. **Recirculação jornalística no twitter:** filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). UFRGS, Porto Alegre, RS, 2011.

ZUBIAGA, A. *et al.* Analysing How People Orient to and Spread Rumours in Social Media by Looking at Conversational Threads. **PLoS ONE**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 1–29. DOI 10.1371/journal.pone.0150989, 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/QczJwO5>. Acesso em: 9 jul. 2020.



sinprors.org.br/textual



/SinproRS



/SinproRS



/SinproRS



/SinproRS

expediente

A Revista Textual é uma publicação do Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sinpro/RS. Avenida João Pessoa, 919 – Porto Alegre RS – CEP 90.040-000. Fones: (51) 4009.2900 – (51) 4009.2980. www.sinprors.org.br/textual – textual@sinprors.org.br. **Coordenação-Geral** | Valéria Ochôa | valeria.ochoa@sinprors.org.br. **Edição Executiva** | César Fraga | cesar.fraga@sinprors.org.br. **Conselho Editorial** | Marcos Júlio Fuhr, Rodrigo Perla Martins, Arthur Beltrão Tello, Beatriz Sallet, Evandro Ribeiro Rosso, Honor de Almeida Neto, Mateus Dalmaz, Marcos Kammer, Josiane Abruñhosa Da Silva Ulrich, Jean Mauro Menuzzi e Víctor Hugo Tabarez Santana. **Revisão** | Press Revisão. **Projeto Gráfico, Edição Gráfica e Editoração** | Rogério Nolasco Souza.

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores.